

# Centro de Estudos Baianos

---

---

HILDEGARDES VIANNA

BREVE NOTÍCIA SOBRE ACONTECIMENTOS NA  
BAHIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

---

---

PUBLICAÇÃO DA  
UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA BAHIA



31 de Janeiro de 1983



**Hildegardes Vianna**

**BREVE NOTÍCIA SOBRE ACONTECIMENTOS  
NA BAHIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX.**

**Salvador -Bahia  
1983**

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000



## APRESENTAÇÃO

Sob a epígrafe: "Breve notícia sobre acontecimentos na Bahia, no início do século XX", a consagrada folclorista baiana Hildegardes Vianna traz à baila, nesta publicação, sete episódios curiosos e pouco divulgados ocorridos em nossa terra, a saber: Carnaval na Quaresma, O Barão veio à Bahia, A Canhoeira Pátria, O balão Portugal, Fon-fon-fon - é o automóvel do Alencar, o Bleriot de Sanfelice e o Jahu.

Neles, mais uma vez, tem a conceituada autora oportunidade de dar vazão ao seu reconhecido pendor para o trato dos temas populares, que relata com singular graça e indiscutível propriedade.

Vale referir, neste instante, ser esta a segunda oportunidade em que Hildegardes Vianna colabora com a Série Centro de Estudos Baianos, vez que, anteriormente, já se ocupara com a descrição do tema. "A Proclamação da República na Bahia, aspectos folclóricos" - estudo editado sob o nº 33 desta coleção.

Feitas estas observações, cabe agradecer ao Banco da Bahia Investimentos S.A, na pessoa do seu Digno Presidente Dr. Sylvio de Gões Mascarenhas, a quem devemos uma parcela do auxílio necessário a publicação deste número da Série Centro de Estudos Baianos.

Salvador, 31 de Janeiro de 1983

Consuelo Pondê de Sena  
Diretora do Centro de Estudos  
Baianos

Vianna, Hildegardes

Breve notícia sobre acontecimentos na Bahia, no início do século XX / Hildegardes Vianna - Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1983.

68.p. - (Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Baianos, Publicação; 99)

1. Folclore - Brasil - Bahia. 2. Bahia - Vida social e costumes. I. Título. II.

CDU - 398(814.2)

CDU - 390.098142

Preparada pelo Centro de Estudos Baianos da UFBA.



## BREVE NOTÍCIA SOBRE ACONTECIMENTOS NA BAHIA NO INÍCIO DO SÉCULO XX.

Hildegardes Vianna

Naquele mundo feliz do princípio do século XX, quando tudo parecia correr ao ritmo de uma alegre opereta, aconteceu cada coisa... Coisas que aos nossos olhos antolhados pela vertigem do progresso parecem banais. Mas naquele tempo foram sensacionais, tiveram sabor especial: Carnaval na Quaresma, um falso "Barão" com o seu iate de verdade, a visita da Canhoneira Pátria, o automóvel de Alencar Lima (o progressista "Macaco Doido"), ascensões de Balões, o primeiro avião, a proeza do Jahu...

### CARNAVAL NA QUARESMA

O dia 7 de março de 1905 - terça-feira de Carnaval, - amanheceu com a cara feia. Ameaçando chuva. A manhã foi de expectativa. Porém, logo após as duas da tarde, começou a chover torrencialmente. Pouca gente ousou colocar o nariz para fora de casa. Os grandes clubes, que tinham apresentado préstimos monumentais no domingo, tomaram a deliberação de não



estragarem seus carros, expondo-os ao mau tempo. Não saíram, portanto. Mas que dava pena, lá isto era verdade.<sup>1</sup>

Lulu Parola, que no alto da primeira página de O Jornal de Notícias, glosava no seu *Cantando e Rindo* o que ia pela cidade e pelo mundo, comentou logo o fato nos dois dias que se seguiram:

Ia o delírio tamanho,  
De palmas tanta a loucura,  
Que o Carnaval, que amargura!  
Meteu-se ontem num banho,  
Levou água na fervura.

(nº 2872. 8 de março)

Foi tanta a chuva caída  
que toda essa gente, louca,  
Das festas desiludida,  
Ficou... com água na boca!

(nº 2873. 9 de março)

O Clube Carnavalesco Fantoches da Euterpe tomou a iniciativa de se entender com o governador José Marcelino, pedindo autorização para sair no domingo seguinte. Muita gente se escandalizou. Carnaval na Quaresma!.. Mas José Marcelino nada opôs, fazendo restrição apenas ao movimento de mascarados. Aurelino Leal, chefe de Polícia, pressionado por grande número de pessoas religiosas, oficiou aos presidentes dos grandes clubes, dizendo que a concessão dada seria para depois da Quaresma. O Fantoches e o Cruz Vermelha<sup>2</sup> expuzeram motivos justos, inclusive o de estarem ainda nesta capital muitas pessoas de fora, e a espera que, até depois da Quaresma, acarretaria danos irreparáveis para os carros. O consentimento foi dado.

Na Quaresma - o Carnaval  
Põe a folhinha em embrulho:  
São João - em 2 de julho,  
Para janeiro - o Natal  
Ano Bom - em fevereiro!...

Tudo em progresso caminha!  
Dora em diante o aguaceiro  
É o que regula a folhinha!

E nele já eu distingo  
Que meus netos não de ler:  
Domingo será domingo  
Se domingo não chover.

(nº 2875. 11 de março)

Durante o resto da semana, enfarruscada e chuvosa, a possibilidade de um novo Carnaval encheu de ansiedade toda a população. O incêndio da Faculdade de Medicina, que vinha ocupando as principais colunas dos jornais, foi relegado a segundo plano. Só se falava no Carnaval. Mas o sábado invernado encheu de angústia a quantos desejavam ter a terça-feira de Carnaval realizada no domingo da Quadragésima.

São Pedro, ao ver que essa gente:  
Do Carnaval não cedia,  
Disse, domingo - "O prudente  
É lhe dar logo um bom dia  
De céu azul e sol quente!

Porquanto, se hoje chover,  
Embora alguns isto esperem,  
Vocês no fim não de ver  
Que êles de novo transferem  
Prá quando a rua escorrer...



E se êles tem que ficar  
Tratando disto somente  
Sem a Quaresma pensar,  
Suspendo a chuva, sol quente,  
Saíam!... Depois... vão rezar!"

(nº 2877 - 14 de março)

E o domingo 12, felizmente, foi de sol. Os "caretas" apareceram sob as vistas complacentes dos policiais. Os indefectíveis "batuques" proibidos pela Polícia, por que "o que ninguém tem é o direito de procurar desacreditar o meio em que vive, revivendo costumes africanos", também se apresentaram, assim como os pequenos clubes. De uma hora da tarde em diante o povo começou a encher as ruas. Misericórdia, Praça do Conselho, Rua Direita de Palácio, Largo do Teatro, Terreiro, Portas do Carmo abrigavam uma multidão de cavalheiros de fraque ou "croisé", damas espartilhadas, defendendo seus chapéus emplumados dos confetes e das serpentinas. Mascara dos como o Napoleão Poliglota, figura obrigatória nos carnavais da época; os cabeçorras; etc. As janelas das casas, situadas nos trechos por onde deviam passar os cortejos, ficaram repletas. O terraço do Hotel Sul Americano não chegava para quem queria. As casas que tinham por hábito ornamentarem suas fachadas com escudos dos clubes preferidos, artisticamente emoldurados por colchas riquíssimas, apresentaram-se simples, sem enfeites. Comentava-se, entre tanto, que o baile do Teatro Politeama, realizado na vespera, tinha sido mais animado que o de domingo de Carnaval, destacando-se maior número de famílias nos camarotes.

Era terça-feira de Carnaval, para todos os efeitos. O Fantoches e o Cruz Vermelha desfilaram

com seus carros e suas guardas de honra, por entre os aplausos dos seus adeptos. O Fantoches apresentou uma verdadeira novidade naquele ano: "As Amazonas de Vlastas". "As Amazonas de Vlasta", primeira guarda de honra feminina apresentada por um clube carnavalesco na Bahia, era constituída por seis senhoras da melhor sociedade montadas a cavalo, "simbolizando o domínio dos homens pelo amor". Embora fosse coisa nova, não agradou ao chamado grande público. As críticas surgiram. Eram senhoras, sem beleza e verdadeiras "moscas mortas", escolhidas por que os parentes tinham força nos clubes, ou por que sabiam montar bem. Mais tarde, a partir de 1935, o Cruz Vermelha recriaria a idéia com a sua "guarda feminina", formada por jovens, péssimas amazonas na maioria, porém graciosas e cheias de vida, obtendo sucesso total.

O Clube Carnavalesco Inocente em Progresso, clube sem dinheiro nem padrinho rico, tirou partido do humorismo com um cortejo engraçadíssimo. Suas roupas e seus carros estavam em péssimo estado devido aos aguaceiros da terça-feira de triste memória. Por isso só a charanga compareceu bem vestida." Seguiu-se a guarda de honra e carros e carros portadores dos "Inocentes" vestidos de Bebês, com amplas toucas, caras de meninos nêdios e alacres. O portandarte (Isidro Monteiro), no seu bellissimo carro do triunfo, vestia uma bonita bata de seda. O "Pai dos Inocentes" (Eugênio Cardoso), encadernado num amplo chambrão pantafaçudo de ramagens, parecia radiante no carro final. A "mãe dos Inocentes" (Ceciliano Coutinho), vestida simploriamente, sem largar a máscara que lhe encobria a barbicha de latagão, movimentava-se agilmente, entre as cordas dos varais



improvisados, no afã de secar a roupa dos seus "filhos" inutilizada na terça-feira. Sucesso completo! Soltaram folhetos com versinhos, entre os quais destacamos os seguintes, que definem o espírito da época:

Devotas da Boca Aberta!  
Beatas caras de cuia!  
É Carnaval na Quaresma  
Capaz de ir à Aleluia.  
É Carnaval que nos chama?  
Com quem fogo divisa  
Saltamos fora da cama  
Mesmo em fraldas de camisa.  
Portanto Viva a Folia!  
Pinte-se o sete, o diabo!  
Demos cabo desse dia,  
Que outro dia nos dá cabo!

O povo vibrou com o Inocentes. O Carnaval continuou por todo o dia, avançou pela noite. Ninguém se lembrava que era Quaresma. Apenas tristes devotas jejuaram na intenção dos que iam de encontro aos ensinamentos da Santa Igreja, desrespeitando a Quaresma.

Quem se esbaldou no domingo, tirando a forra da terça-feira perdida, acordou no dia seguinte, segunda-feira, atordoado, desnordeado, saindo manhãzinha cedo em busca da Cinza. Acontece que a quarta-feira de Cinzas já havia ficado para trás. Destarte, muita gente ficou com pecados contados em duplo, fazendo a si próprio a pergunta de bolso: - Ontem foi domingo da terça-feira de Carnaval. Hoje é segunda ou quarta-feira?

Lulu Parola, mais uma vez, glosou a confusão:  
Anda nesta semana tudo errado...  
Ninguém mais toma pé!  
Ontem foi um domingo, está provado,  
Logo, hoje é segunda; pois não é?  
Mas o domingo, de ontem, fato raro,  
Foi uma terça-feira, transferida!  
Hoje, portanto, é quarta,  
isto é bem claro ...  
Depois de terça... quarta;  
quem duvida?!  
Ninguém toma pé nesta semana.  
Que grande barafunda!  
A gente conta os dias e se engana...  
Hoje é quarta, ou segunda?

(nº 2876 - 13 de março)

Aconteceu há mais de 70 anos tal Carnaval na Quaresma. Um Carnaval que deixou saudades, embora ferindo certos preconceitos bem cabíveis na época em que se respeitava o calendário religioso. Um Carnaval que causou um certo escândalo.

;;;;;;;;;;;;;

Chegou o ano de 1911 e com ele os preparativos para o Carnaval. Falava-se no *Solta-perfume*, invento do Dr. J. D. Riedel de Berlim, com as mais apreciadas vantagens da excelência do extrato, mais fino do que outro qualquer, não depender de tarraça e ser vendido muito barato. Como era? Quem sabe ou se lembra? Os grandes clubes faziam o possível e o impossível para que tudo fosse esplendoroso. Mas sucedeu algo que fez gelar os corações dos foliões e dos comerciantes. Choveu de meter medo. Foi um prejuízo incalculável. Todo o sortimento de lança-per



fumes (já havia queixas acerca dos líquidos corrosivos postos nas seringas), confetes, serpentinas, tudo enfuzado. A ornamentação das ruas toda estragada por ser à base de papel fino colorido e papelão. Aquela beleza de clubes tão lindos, cujos carros tinham sido preparados com tanto empenho, não conseguiu se exhibir condignamente. Quem tinha feito roupa nova, comprado chapéu e sapatos, também novos, ficou no ora veja. O jeito era fazer novo Carnaval no domingo, 5 de março, em plena Quaresma.

Carnaval na Quaresma! Que é que tinha? Já havia tido um precedente e os céus, ao que se saiba, não lançara a sua ira sobre os responsáveis. No dia 4, o Jornal de Notícias, trazia o "Cantando e Rindo" de Lulu Parola com o costumeiro comentário rimado:

Esteve nos 3 dias tão molhado  
Que vai ter amanhã nova edição...  
O remédio foi este, já usado:  
Fazerem todos nova exibição.

Carnaval na Quaresma... Se é pecado,  
Toda gente, ao depois, pede perdão.  
E se isto é erro, vejo tudo errado,  
Pois vejo Inverno em força de verão...

Não é a primeira vez que o Carnaval  
É feito assim, no dobro... Não senhor  
Não é de caso novo que se trata...  
Isto até no Brasil é habitual...  
Basta chamar às urnas o eleitor  
Para haver Carnaval em duplicata

(nº 4506)

Chegou o domingo com todas as ruas despidas de ornamentação apresentando aspecto comum. Uma ou

outra casa ornamentou fachada ou janelas. Os jornais da época destacaram a Casa Castro Alves e a de número 2 na esquina do Maciel de Cima. A rua Chile não iluminou as suas arcadas, só figurando a iluminação do Cinema Bahia, Light and Power e Chapelaria Mercúri. Poucos máscaras avulsos. Considerável o movimento de pessoas nas ruas da cidade, onde o trânsito era difícil. Os bondes circulavam com evidente dificuldade.

Os grandes clubes, Fantoches, Cruz Vermelha, Inocentes em Progresso e Cavalheiros do Amor, que a chuva havia empatado, mostraram o luxo dos seus carros ou a graça das suas críticas. Sairam reclames da Fratelli Vita, Magazine Loureiro, Casa B.Cappell e Fotografia Lindemann. Foi um bonito domingo. Muito divertido. Que pena fosse apenas aquele dia!

O Clube Carnavalesco Inocentes em Progresso, célebre pelo bom gosto e humor de seus carros de críticas, distribuiu folhetos com uns versinhos que diziam assim:

Não é de certo heresia  
Na Quaresma - um Carnaval  
Um excesso de alegria  
Certamente não faz mal!  
Não tendo pancadaria  
Nem cacete nem punhal  
Com decência e sem orgia,  
Sem ofensa à moral,  
Com flores, som e poesia,  
E moças - que é o ideal,  
Não é pecado a folia  
De um segundo Carnaval.



Daí para a frente Carnaval perdeu a cerimonia. Viria mais tarde a Micarême, carnavais por todo o ano. Não estivessemos nós no país do Carnaval!

1. Fantoches e Cruz Vermelha mandavam buscar na Europa material para os seus carros, incluindo fazendas e adereços para os figurantes dos prêstítos. O carro estandarte do Fantoches vinha de França, mas o vapor *Carolina* se atrazou e tiveram de iniciar a montagem de um carro na quarta-feira anterior ao Carnaval. Teria 7 metros de altura e pessoas em lugar de estátuas. Ainda o Fantoches, o clube da elite, inauguraria o seu estandarte novo com 2 metros de altura por metro e meio de largura, em veludo grená, todo franjado e bordado com fios de ouro verdadeiro. O Fantoches obedecia a plano de Arlindo Fragoso, tendo como executantes ele e Lanat, com o auxílio de Vírgilio Coelho, o escultor Cirilo, maquinista de teatro Manoel dos Passos, serralheiros Cassiano e Florêncio e o pintor Batista. As obras de praça da Casa Rotondano. Adereços, além dos europeus, da Casa Galo Junior e Neves da Silva.

Os carros do Fantoches e Cruz Vermelho eram tão altos que os fios telefônicos e elétricos precisavam ser levantados, contando-se com a compreensão da Carris e da Telefônica. Os Inocentes não tinham dinheiro nem patrocinadores ricos. Eram modestos, baseavam-se nas críticas sempre com muita propriedade na idéia exibida.

Cabe lembrar que o Dr. Francisco Antônio de Castro Loureiro, diretor interino da Secretaria de Polícia, baixara portaria em que nenhum clube poderia sair sem aprovação das respectivas críticas; não se permitia clubes de costumes africanos com batuques; críticas ofensivas a personalidades e corporações; uso de máscaras depois das 18 horas, exceto nos bailes até meia noite. Os máscaras maltrapilhos e ébrios seriam postos em custódia. Foi também proibido, com multa de 30\$000 (trinta mil réis) o acondicionamento de confete de cores e qualidades diferentes.

Já se avantava a idéia de que os clubes ou a Intendência desse um prêmio à melhor janela como se fazia em Lisboa e Porto. Havia grande procura de janelas e lugares para se assistir ao Carnaval, sendo maior a procura que a oferta. Muitas famílias vinham do interior do Estado oito dias antes, ou com maior antecipação, para encontrarem acomodações que facultassem uma boa visão dos prêstítos. Só que não tinham a denominação de turistas.

2. O Cruz Vermelha, durante a Segunda Guerra Mundial, foi compelido a mudar de nome, passando a se chamar Clube Carnavalesco Cruzeiro da Vitória, aproveitando as iniciais do seu tradicional escudo.



## O BARÃO VEIO À BAHIA

Em agosto de 1905, o *Daily Mail* de Londres, telegrafava ao *Jornal de Notícias*, da Bahia, perguntando se havia entrado em porto brasileiro um certo iate CATARINA, conduzindo a bordo um indivíduo procurado pela polícia francesa. O Secretário de Polícia e Segurança, quase ao mesmo tempo, recebia um telegrama do Prefeito de Paris fazendo idêntica indagação.

Embora estranhando o pedido, o Secretário tomou as providências para vigiar o iate CATARINA, se por aqui aparecesse. E num belo dia o iate CATARINA arriou ferros em nossas águas. Era uma bonita embarcação a vapor, de 3 mastros, toda pintadinha de amarelo. Na popa ostentava a bandeira inglesa. Luxuoso em suas dependências, todo envernizado e atapetado, trazia no seu bojo o elegante Barão de Graval (um jovem louro de lunetas do tipo pince-nez), sua esposa (uma coisinha bonita que desmaiava e cheirava a saís), uma camareira comme il faut, além de um médico particular.

A nossa polícia fez o que lhe convinha ou cabia, revistando tudo de alto a baixo. A bagagem, co



mo era de se esperar em tão altos personagens, com punha-se de 10 malas grandes, uma máquina de escrever, 7 malas pequenas e uma caixa de papelão com vários objetos. A baroneza possuía vestidos santuosos, sem faltar um fabulosamente rico, avaliado em mil libras, que no câmbio da época correspondiam a quatorze contos de réis. O Barão tinha umas "distrações" diferentes! Colecionava preciosidades zelosamente acondicionadas em escrínios de veludo, conforme o apropriado a tão ilustre cidadão. Entre as citadas preciosidades abundavam sinetes da Prefeitura e do Ministério de Polícia de Paris.

A caravana policial ficou meio deslumbrada com tantos tesouros e tanto luxo. Em meio a tanto requinte, muito pouco impressionado com o esplendor dos seus nobres passageiros, surgiu o Comandante exibindo uma mensagem telegráfica do armador da embarcação, recomendando que não fosse obstada a ação policial. *Quem quisesse mais claro, puzesse azeite* — é o que diz o ditado popular. Assim, sem muito trabalho, *Ses Excellences* foram sumariamente retiradas de bordo, levadas ao Quartel da Mouraria, de onde seguiram posteriormente para a casa de Correção, no largo de Santo Antônio Além do Carmo. Foram para o xadrez. Teriam ido mesmo?

Enquanto as providências eram tomadas, Dr. Aurelino Leal, Chefe de Polícia, intrigado com o fato de terem tratado o caso de Prefeitura para Secretaria, sem interferência do Ministério do Exterior, telegrafava a Rio Branco solicitando um entendimento com o Ministro da França. Apurou-se então, para escândalo nosso, que na Prefeitura de Paris não havia uma única pessoa que tivesse noção, por menor que fosse, do que pudesse ser a Bahia. Lulu Parola

aproveitou a deixa para comentar no seu CANTANDO E RINDO.

Aquí estou eu na defesa  
Da polícia de Paris...  
Ela supôs, com certeza,  
que era a Bahia um país  
Tão livre e soberano  
Como a mais livre Nação.

No molde republicano  
É assim mesmo. É ou não?  
Pois há país, hoje em dia  
Por esse mundos afora,  
Que tenha a soberania  
Das nossas "Pátrias de agora?"<sup>1</sup>

Na cidade pacata, sem grandes acontecimentos, a chegada do iate Catarina, proporcionando um inusitado cortejo de emoções, empolgou a opinião pública. O Barão de Graval constituía a nota sensacional do ano. Deixou para atrás até as críticas ao *Art-Nouvedu*, modismo que avassalava principalmente às mulheres. O Barão de Graval passou a ser, praticamente, assunto único. Os noticiários sobre a próxima chegada da Canhoneira Pátria de uma certa maneira passaram a segundo plano. Toda gente queria ver a qualquer preço os francezes. O povo afluía a Correção, na esperança de dar uma olhada, porém o administrador impedia que os presos fossem molestados pela curiosidade provinciana. Ainda assim, quando saíam para os interrogatórios de praxe, juntava pequena multidão ao longo do trajetos dos carros ou nas imediações do largo da Palma. As janelas das casas por onde passariam os carros ficavam apinhadas de pessoas, horas a fio, de plantão. Os "Barões desciam das suas acomodações na caleça (a história da



caleça deu panos para as mangas), escoltados por um piquete de Cavalaria que fazia as vezes de guarda de honra. As duas mulheres e o "barão", de pescoço espichado, pouca importância dando à curiosidade pública, não perdiam a pose.

Os interrogatórios iam esclarecendo coisas do arco da velha. Pouco a pouco as novidades surgiam elucidando o caso. Até parecia um dos romances tradicionalmente publicados, em forma de folhetim, no rodapé do Jornal de Notícias. O "Barão" não era barão. Era um belga obscuro, chamado Jean Galley (seu nome verdadeiro presume-se fosse Jacques Grandet), empregado do Comptoir National D'Escompte de Paris. Obscuro, porém de imaginação fértil e ações rápidas. Depois de cometer estelionato, tinha desaparecido. Sob o suposto nome de Barão de Graval fretara o iate Catarina, partindo do Havre para Buenos Aires. A vida estava para ele. Fazia gastos consideráveis, tendo crédito em vários bancos, socorrendo-se de letras falsas assinadas em nome dos clientes do Comptoir.

Que sem vergonha! Que patife! Os comentários eram gerais. Lulu Parola não perdeu tempo. Tomou do mote: *"o barão usando vários nomes e Dom Bicôrio fazendo o mesmo nas eleições"*. (O Dom Bicôrio era uma figura simbólica que representava as falsificações de assinaturas de eleitores nas forjadas atas de eleições a bico de pena.) Assim Lulu Parola deu a sua penada:

Tendo um nome somente,  
Usa, porém de muito o barão...

Isto é crime? Não!...

Nosso governo, em coisas de eleição...

Ele só é que elege, unicamente,

Mas... escrevendo nomes em porção!<sup>2</sup>

A "baroneza", por sua vez, não passava de uma antiga vedete do Grand-Guignol. Conforme as conveniências, oficiais ou não, possuía também dois nomes: Merelli Sosset e Vitória Manson. Protestava a todo instante por causa da falta de conforto da cadeia. Ao choque inicial de ver o aspecto do *Palacete* que lhe tinham dado por hospedagem, aconteceu tanta coisa que nem é bom entrar em muitas minúcias. Dr. Bernardino Madureira de Pinho, comissário da 2ª Circunscrição Policial, segundo noticiário da época, como *Ses Excellences* se queixassem do leito "trop dur", haveria providenciado colchões macios para o casal.<sup>3</sup> A baroneza era bonita? Não se sabe. Mas era bem tratada, cheirosa, sobretudo franceza. A França fascinava a sociedade local. A alta e também a chamada segunda linha. A Baroneza era ladina e o seu marido tinha também seus refinamentos profissionais.<sup>4</sup>

Começaram os boatos. A princípio à boca pequena. Depois à larga. Falavam nas ceiatas regadas a champagne (de acordo com o noticiário da época eles bebiam Vinho Bordeaux às refeições), que eram servidas aos barões por determinados figurões viciados em baralho e conquistas fáceis. Os lindos braços da baroneza valiam o sacrifício de arrostar a língua das comadres. Aos barões foi dada, por ordem de Aurelino Leal, uma caleça, em lugar do carro dos presos, destinado ao transporte para os interrogatórios. Avaliem um mimo daqueles jogada de qualquer forma sobre uma cadeira de sacolejante carruagem mal tratada!



Enxergão para os barões? Nunca. Duas autoridades, segundo os mexeriqueiros disputavam a primazia na posse da baroneza que se fazia de difícil. Assim as vantagens iam chegando. Já tinham recebido cama com colchão. Era essencial que aquele biscuit dor misse bem. Quanto se falou das mordomias! O Barão, como bom sujeito viver, pouco pesava a possibilidade de uma traição. Navegava nas águas banançosas da provocante baroneza.<sup>5</sup>

Os barões cativavam a opinião pública mesmo com todo o puritanismo reinante. Os que censuravam tudo, depois de um certo tempo, começaram a achar que não era nada demais o procedimento da baroneza. O que era feio era o fato de uma autoridade, mais ou menos em contacto com o caso, ter dado o golpe do baú casando com uma viuva rica, quase colocando a pobre senhora na miséria com as suas constantes noites de jogatina num hotel da ladeira de São Benito. Era natural que os "barões", bem vestidos como andavam, se negassem a tomar assento no carro onde ladrões e cachaceiros, negrões de beijo de língua e meia e olho vermelho, já tinham andado com suas roupas sujas e pulgentas. Como poucos sabiam o que era Grand-Guignol estava tudo bem.

Pelo destino da camareira (Marie Aulner, ou Marie Audot) poucos se interessavam, a não ser o despropósito do aparato da escolta que levava as duas mulheres para os interrogatórios. Era uma idiota qualquer, também de nomes supostos, nem sabendo se explicar. Talvez fosse feia. Ficava trancafiada, servindo à "baroneza" em falta de outra ocupação. Apenas Leopoldo Kaplain, médico do Barão, conseguiu se livrar, contando uma história certa. Salvou-se da prisão, acredita-se que de honra ilibada. Em com

pensação ficou a ver navios, pois nunca recebeu coisa alguma por conta do pagamento dos mil francos que seu contrato exigia.

O Comandante Silius Newton Caws era um marujo honesto. Dera o primeiro sinal de alarme, passando de Las Palmas um aviso para o armador, pondo-o a par das suspeitas que nutria quanto à identidade e gastos do Barão. Porém, para desconto de seus possíveis pecados, foi atingido por uma multa de um conto de réis por ter tocado em Camamu sem licença. Teve uma série de incômodos para demonstrar que se o crime não compensa, a honestidade nem sempre recompensa. Mas até aí tudo corria no ritmo de opereta.

As complicações começaram a crescer quando o Banco de Bahia iniciou os seus trabalhos em ressalva dos direitos do Comptoir, pretendendo reaver o que tinha sido roubado. Por outro lado, a Alfândega reclamava que não podia deixar sair assim, sem mais nem menos, toda a bagagem (e que bagagem!), fosse de quem fosse. Mesmo depois que os 4 agentes da polícia franceza levaram os criminosos de volta aos penates, o assunto não ficou encerrado. Havia uma preocupação geral a respeito do pedido feito para que não algemassem os barões e a criadinha, pelo menos enquanto estivessem em águas brasileiras. Será que os gringos teriam atendido ao apelo?... Como é que punham grilhões em pulsos de gente branca como se estivessemos no tempo da escravidão?

O caso rendeu muito ainda nos bastidores, dando dor de cabeça às autoridades e entidades interessadas. Mas Zé Povo baiano, os legítimos filhos da ex-Mulata Velha<sup>6</sup> como vibravam, como falavam no Barão de Graval e a sua Excelentíssima Baroneza. A ou sadia de Jean Galley tinha empolgado a todos. Ele



era como símbolo da desmedida ambição e do gozo a todo transe, homem capaz de enfrentar as consequências de uma aventura bem vivida.

Naqueles dias pacatos e bem comportados, Jean Galley encarnava um herói audacioso, parecido com os ladrões dos romances. Uns tantos, como era natural, atiravam pedras naquele larápio, sem escrúpulos, que aqui aportara acompanhado por uma "comica", uma "cocote" qualquer. Se a polícia não fosse avisada na certa seria recebida pela melhor sociedade local, até que por uma gafe inevitável, ou irremediável, se descobrisse que ele e a baroneza não eram tão barões como se julgava.

Mas a Bahia teve de padecer pelo fato de interromper a romântica aventura do estelionatário europeu. Uma folha ilustrada dos Estados Unidos representou a polícia da Bahia na pessoa de dois soldados negros, de sabre de fora, prendendo o falso Barão, enquanto a baroneza ria a bandeiras despregadas, divertida com o aspecto grotesco dos policiais. Como o mundo é pequeno, certos fatos e boatos atravessaram o oceano. Que vexame para projectos cidadãos!... Diziam em França que as *Mesdames de Bahia* iam até a Correção desejosas de entrevistar uma franceza em dia com a moda, capaz de deixar que lhe copiassem os vestidos. Nota-se que as *Mesdames* não eram as *Madames*, vocábulo que designava as mulheres estrangeiras de vida airada. Eram as Senhoras do madamismo no bom sentido.

Acrescentavam que houve um nativo qualquer, aliás de posição bem definida, que cego de paixão praticara loucuras para libertar a perfumosa Baroneza. Ainda havia o comentário acerca da conta absurda que a polícia iria apresentar, alegando que os pre-

tos teriam passado bem, comendo do bom e do melhor. Por tal razão as autoridades não queriam entregar as bagagens à França antes de serem embolsadas. País pobre, o Brasil desejava tirar uma lasquinha. Aproveitar a ocasião.

As gazetas locais iniciaram uma campanha de protesto contra semelhantes desmoralização. Como a situação se agravasse, dia para dia, o Consul de França, Monsieur C.P. de Pommayrac, que se manteve em atitude discreta, procurou ter um entendimento com o governador José Marcelino, manifestando a sua desaprovação ao procedimento que estavam tendo para com a Bahia. O Jornal de Notícias também disse o que deveria ser dito. Mas Lulu Parola, lá do alto da página, violão em punho, já analisara os acontecimentos, muito antes de todo aquele fervor, com isenção de ânimo:

Diz um rifão: não há mal  
Que não produza seu bem...  
Mais um prova real  
Destá verdade se tem  
Pelo "Barão de Graval"!...

Vindo cair na Bahia  
A muitos Sua Excelência  
Lecionou geografia!...  
Assegurou a existência  
De que se não conhecia!...

Ah! quanta gente dirá  
Ao ler na Europa a notícia:  
Mais non! Pas possible ça!  
Então existe polícia  
Entre os selvagens lá bas?



Existe, fique surpreso  
Quem pela Europa nos frecha  
Com o seu sarcasmo ou desprezo  
Sem ser a arco, nem flecha,  
Sua Excelência... está preso!

Em belo iate encantado  
Entrou aqui da mansinho...  
Terra de bugres...  
Coitado! Caiu na lei do Murtinho  
No mesmo instante - selado!

Hã de voltando, dizer  
Que, além de azul nosso céu,  
A gente o foi receber  
De roupa fina e chapéu,  
Sem o querermos comer.<sup>7</sup>

O iate Catarina e o Barão de Graval, que ti  
nham enchido de sensacionalismo os meses sempre so  
nolentos de nossa terra, continuaram a fornecer ma  
terial para os jornais de todo o mundo por uma boa  
parte de tempo. Pois se em Paris foram recebidos,  
pelo povo, como heróis...

Depois os dias foram passando e o iate Catari  
na com o seu galante Barão também passou. Ficou, en  
tretanto, a lembrança da ousadia do belga de lune  
tas do tipo pince-nez numa modinha que se incorpo  
rou ao populário baiano. O Jornal de Notícias tinha  
um redator chamado José da Costa e Silva<sup>8</sup> que assi  
nava crônicas em prosa e fazia versos com o pseudô  
nimo de Jecílio Dalva. Jecílio escreveu uma parodia,  
uns versos adaptados à música "Margarida vai a fon  
te", sobre o título de "Barão veio à Bahia".

"O Barão veio à Bahia" foi publicado em jor

nais de modinha, decorado, cantado por grandes e  
pequenos, pessoas que achavam deleite em repetir as  
rimas que falavam na grande aventura do ano. A parô  
dia foi repetida anos a fio pelo jeito gaiato, en  
volvendo nomes respeitáveis da terra e o Monsieur Ha  
mard, chefe da Segurança de Paris.

O Barão veio à Bahia  
No iate Catarina  
Trouxe em sua companhia  
Para ter horas de alegria,  
Uma peça papa-fina.

Passou vidinha manhosa  
A bordo do seu iate!  
Vida assim somente goza  
Tendo sonhos cor de rosa  
Um Barão do seu quilate.

Tendo a chelpa ali tão perto  
O Barão vive tranquilo,  
Então diz - É meu, é certo,  
Na verdade eu sou esperto,  
Esbodego tudo aquilo.

Baroneza que delícia!  
Cante um pouco, baroneza;  
Livre somos, a polícia  
Sempre é cheia de imperícia,  
Não nos fisga de surpresa.

Cante Hamard, Hamard, Hamard,  
Cançoneta de Paris;  
Devemos aproveitar  
Toca a rir, toca a folgar,  
Pois ninguém é mais feliz!



Saiu-lhe o trunfo às avessas  
Mal pisou neste torrão;  
Aurelino deu-lhe às presas  
Madureira com caleças  
Uma cama com colchão.

Ao Barão mais à Barona  
Um piquete acompanhou;  
Honra tal somente abona  
À nobreza espertalhona  
Aos fidalgos Art-Nouveau.

Ao chegar no *palacete*  
O Barão põe-se a exclamar;  
Oh! que duro torniquete  
Realmente isto é cacete  
Nem champagne para se chopar.

1. Jornal de Notícias de 29/08/1905. Cantando e Rin do nº 3013. O "Patrias", possivelmente, é uma alusão à Canhoneira Pátria, barco português que estava sendo esperado com homenagens por muitos julgadas exageradas.
2. Jornal de Notícias de 31/08/1905. Cantando e Rin do nº 3015.
3. O Juiz Seccional Paulo Fontes, oficiou ao Secretário da Segurança Aurelino Leal, dizendo que, por ser prisão provisória, fosse atendida a solicitação colocando-os em lugar melhor. As duas mulheres foram recolhidas em vasta cela capaz de comportar 20 pessoas, o mesmo acontecendo ao Barão.
4. O Barão, através o cidadão Aprígio Pereira de Matos, impetrou habes corpus. Num golpe de audácia, o Barão entregou ao jovem Pânfilo Dultra Freire de Carvalho um apelo aos Republicanos da Bahia para a devida divulgação. É do aludido documento que destacamos o trecho seguinte: "A França pede a minha extradição, sob o pretexto de

que cometi falsificações e roubos, enquanto eu entendo que não há nisso mais do que no pretexto, e que a verdade é uma razão política sobre o qual, bem entendido, a França não poderia basear semelhante requisição. O Brasil não tem tratado de extradição assinado com a França, tendo, pois, inteira liberdade para entregar-me ou não, uma vez que não tem compromisso de espécie alguma".

5. Para evitar a umidade do chão, ordenou-se a distribuição de esteiras sobre o piso. Os presos tinham ordem de passear 2 vezes ao dia, pelo jardim da prisão, em horários que não permitissem o encontro do casal.
6. Designação jocosa para a Bahia na Republica Velha.
7. Jornal de Notícias de 26/08/1905. Cantando e Rin do nº 3011.
8. A obra de José Costa e Silva, em parte, está nas raras coleções do jornal em que trabalhava. A sua filha Nair da Costa e Silva, poetisa e atriz amadora, tentou, anos após a sua morte, a divulgação de dois dos seus livros editados que jaziam no esquecimento. A morte do crítico Carlos Chiacchio acarretou o extravio dos volumes únicos existentes ao que se sabe.



## A CANHONEIRA PÁTRIA

Naquele longínquo ano de 1905, quando a cidade vivia dias pacatos alegrados pelo *Art-Nouveau*, a notícia de que uma canhoneira portuguesa, "Pátria", aportaria à baía de Todos os Santos aos primeiros dias de setembro, causou alvoroço. Começaram a surgir projetos de homenagens e festas que correspondessem à justa ao contentamento de brasileiros e portugueses. O "Pátria" representava o patriotismo da colônia no Brasil.

Formou-se uma Comissão Executiva sob a presidência do Cônsul Luiz Correia da Silva e onde eram encontrados os nomes respeitáveis de Manuel José Bastos, Francisco José Rodrigues Pedreira, Henrique dos Santos Silva, Antonio da Costa Lino, José Augusto de Magalhães, Francisco Pais Vieira, Francisco José da Silva Fortuna, Antônio Manso, Joaquim Veiga, José Pereira Correia e Afonso da Mota e Silva, todos do alto comércio local. Para formar uma idéia do entusiasmo reinante, basta dizer que naquela época, quando tostão era dinheiro, a subscrição aberta para cobertura das despesas, logo no primeiro dia, rendeu seis contos de réis. O Cons. Bento Berilo



fez um requerimento ao Conselho Municipal para que autorizasse abertura de crédito para o Intendente poder festejar a honrosa visita. Por sua vez, a mo cidade acadêmica entrou a cogitar sobre o que lhe competia realizar. O mês de agosto foi pequeno para atender aos preparativos. Os primeiros dias de setembro foram de trabalho e expectativa.

Afinal, no dia 7 de setembro, o "Pátria" ancorou na Bahia. Sairam ao seu encontro vapores, rebocadores, torpedeiras, lanchas, saveiros à vela e embarcações outras, todos embandeirados e soltando foguetes. O povo apinhava as sacadas naturais da cidade alta e espalhava-se nas imediações do lugar de desembarque. O "Pátria" vinha comandado por um capitão-tenente, que tinha o dever de vir à terra cumprimentar pessoalmente o cônsul, sem que este ficasse obrigado a corresponder pessoalmente à visita, visto ter honras militares mais elevadas do que as daquele oficial. Entretanto, dada à expressão do acontecimento, o cônsul de pronto decidiu ir a bordo. As primeiras saudações foram feitas pelo comandante Antonio Alfredo da Silva Ribeiro que levantou a taça em honra do Brasil e da colônia portuguesa da Bahia, José de Sá pela Associação Comercial, Aloisio de Carvalho (Lulú Parola) pelo Jornal de Notícias, Francisco José Rodrigues Pedreira pela colônia, Otávio Mangabeira pela Gazeta do Povo, Alfredo Brim pela Associação dos Empregados no Comércio, Demóstenes de Magalhães pelos acadêmicos, Bento Berilo pelo Município de Salvador e José Luiz Marques pelo Diário de Notícias. Os jornais encheram as colunas com versos de poetas de escol que se derramavam em louvores à terra portuguesa. Era apenas o início das homenagens programadas.

A colônia realizou sessão magna no Gabinete Português de Leitura, missa campal e almoço no Hospital Português ao Bomfim. O povo vibrava. As ruas ornamentadas, sobressaindo a Calçada do Bomfim com cerca de 300 casas ornamentadas, lembravam a chegada dos chilenos em 1902. Tamanho era o contentamento que se tornava difícil apontar qual o mais exultante, se o português ou o brasileiro. Muita gente importante produziu versos inspirados, gente como Aloisio de Carvalho (Lulu Parola), Alexandre Fernandes, Damasceno Vieira para não citar outros, o que seria cansativo. Na festa da Associação dos Empregados no Comércio, meu pai, Antônio Vianna, filho de português, então apenas um jovem repórter do Correio do Brasil, declamou versos de sua lavra que fizeram chorar os lusitanos que superlotavam o salão. Versos que diziam assim:

Jamais na história do mundo  
Ver-se-á um exemplo igual:  
Duas nações tão amigas  
Como a nossa e Portugal.  
Na pátria de Ruy Barbosa  
Nesta Bahia formosa,  
Onde Cabral se abrigou,  
Há sempre um lugar sagrado,  
Um altar iluminado  
A quem a civilizou.

Irmãos de Guerra Junqueiro  
Descendentes de Herculano  
O abrigo de um brasileiro  
É também de um lusitano.



Somos filhos, parecidos,  
da geração de imortais,  
Cuja história, cujos nomes  
Jamais fanarão, jamais.  
São formados do mesmo ouro  
Com que os heróis reis do Douro  
Fabricaram seus troféus  
Os nossos braços de glórias,  
São iguais nossas vitórias,  
E são gêmeos nossos céus!

Ambos cheios de beleza,  
Derramando bênçãos mil  
Sobre a pátria portuguesa,  
Sobre as terras do Brasil.

Somos irmãos pelo sangue  
E pelos feitos, irmãos:  
Se abrirmos a vós os braços  
Beijais a rir nossa mãos  
Se ao latejar da Desdita  
Nossa alma percorre aflita  
Os ermos campos da Dor,  
A vossa alma generosa  
Vem socorrê-la, piedosa,  
Cheia de afagos de amores.

Brasileiros, portugueses,  
Unidos quem poderá  
Dizer qual seja o estrangeiro  
Ou qual mais o outro amarã?!

— De D. João II o justo,  
O valente e casto rei  
Herdaste o lema santo:  
Honra, Pátria, Glória e Lei!

Por isto sois valorosos,  
Bravos, honestos, briosos,  
Quer na peleja ou na paz,  
Por isto viveis brilhando,  
Ó! filhos de D. Fernando,  
Nos fastos dos imortais.

E nós, que temos nas veias  
A mesma seiva febril,  
Que somos vossos amigos  
Porque vós sois do Brasil,  
Desta pátria idolatrada  
Que contempla reclinada  
No Amazonas a amplidão,  
Bradamos meigos, ufanos  
Salve bravos lusitanos,  
Salve povo amigo - irmão!

As festas se sucediam. A da mocidade no Politeama, quando falou o engenheiro Otávio Mangabeira, a do Grêmio dos Internos dos Hospitais, a da Associação Comercial, a do Esquadrão, a do Clube Caixeiral, a do Conselho Municipal. Havia festa por todos os cantos. A do Centro Acadêmico presidido por Simões Filho teve brilho invulgar, sendo realizada no Conselho Municipal, falando o acad. Diógenes Sampaio. Todos mimavam os oficiais e marinheiros do "Pátria". Dinheiro não faltou para festas e presentes. Houve até sobra que foi revertida em benefício da "Crônica do Bem", campanha de ajuda permanente aos pobres, mantida pelo "Jornal de Notícias".

Porém o clímax foi a missa campal realizada na Quinta da Barra, tendo por celebrante o Arcebispo D. Jerônimo Tomé. Missa seguida de um pequenique. O Comércio não abriu neste dia. O povo se espa



lhou do Camarão ao Farol da Barra. Para se avaliar a quantidade de gente que foi até lá, registramos o movimento de 23.482 passageiros nos bondes da Linha Circular, sem incluir os que trafegaram em carros particulares, inclusive a partida especial de 10 bondes.

No dia 20, véspera da partida, houve um banquete de 100 talheres no Hotel Sul Americano. Deram bilhete de sereno para as pessoas gradas que quissem apreciar do terraço o desenrolar da festa, havendo 50 cadeiras para as senhoras. Para os portadores de "bilhetes de sereno" exigiram traje de cerimônia, obrigado a colete. Afinal também os olhos folgavam de ver... os outros comerem.

Comida gorda e farta

Bebida boa na festa

Todos olhando com os olhos

Alguns "comendo com a testa".<sup>1</sup>

No dia 21, a Canhoneira "Pátria" levantou ferros, tendo os vapores "Esperança" e "Fê" acompanhando o "Pátria" até duas milhas fora da barra. O povo agitava os lenços numa despedida que sugeria um convite para voltar.

Depois se soube que um segundo tenente tinha se queixado, por escrito, de ter o comandante desconsiderado a oficialidade a quem não apresentou em atos públicos, havendo também causado estranheza e desgosto a distribuição dos brindes oferecidos. Por estas e outras notícias o "Pátria" ainda foi assunto de conversa para o resto do ano. Ocupou as colunas dos jornais que registravam a sua passagem por outros portos. Houve até medalha comemorativa.

As moças festeiras, exageradas nos modos, loucas por enfeites, espetaculosas, namoradeiras, porém anos afora foram chamadas de "Canhoneira Pátria". "Canhoneira Pátria" era o epíteto predileto para toda gente que fazia questão de aparecer ou de estar em evidência. Depois o nome de "Canhoneira Pátria" assim como a sua visita foram suplantados por novos acontecimentos. Mas volvidos mais de cinquenta anos os que assistiram as festas maravilhosas e vibraram de entusiasmo, ovacionando os bravos portuguêses, não se cansam de repetir o que foi o esplendor daqueles dias.

1. D. Celina Garcia, em 1955, nos forneceu esta quadra como pertencente a uma modinha chocarreira aparecida quando da visita da Canhoneira Pátria. A melodia, entretanto, lembra em muito uma peça musical alienígena, surgida muitos anos depois entre nós, circunstância que nos conduz a duvidar quanto à localização da mesma no tempo e no espaço pela referida informante que tinha então 78 anos.



## O BALÃO "PORTUGAL"

No dia 7 de outubro de 1906, o aerostato "Portugal", fabricado em Paris, fazia sua primeira ascensão na Bahia. Era um balão famoso. Já subira exatamente por 40 v<sup>ê</sup>zes, em diferentes cidades. Uma maravilha! Avaliem um monstro de 7 metros, vermelho, todo de *caoutchouc*, com malhas de corda trançada... Quando cheio, tinha a forma esférica. Para esvaziar o seu bojo bastava utilizar as válvulas colocadas no centro, ao alto, que serviam para as descargas precisas. Era sensacional!

O "Portugal" ia subir do Passeio Público. Corria notícia de que o aeronauta sr. Magalhães Costa faria acrobacia num trapézio preso ao balão. Isto aumentava a sensação. Embora o dia estivesse nublado verdadeira romaria de curiosos acorria ao local indicado. Também por sobre os telhados, soteias, torres e pontos culminantes, em todas as amuradas, praças, árvores e ruas, enfim em qualquer lugar que olhasse para o mar havia gente em quantidade. Era uma coisa nunca vista para a maioria, e talvez nunca mais se repetisse.

Os sabichões, enquanto esperavam o momento da



subida, iam derramando sua sabedoria. Aquilo era coisa corriqueira. Desde Bartolomeu de Gusmão, seu inventor, e dos irmãos Montgolfier, que aquela história de voar feito passarinho não era novidade. Em 1785, Blanchard e Jeffreys tinham atravessado o Canal da Mancha num balãozinho e sem perigo nenhum. O balão tripulado por Greem e Holland fôra de Londres a Weilburg, no Ducado de Nassau, gastando apenas 18 horas. Nem tinha sido há tanto tempo assim. O ano 1836 estava ainda muito próximo. Em 1862, Glaisher e Coxwell tinham alcançado a incrível altura de 8 a 10 mil metros, na mesma Londres. No ano seguinte, Nadar, no maior balão que até então se construira, subira com 35 corajosos num vôo arrojado. Nem todos faziam aquilo por esporte. Tissandier, Spinelli e Sivel tinham feito um grande balão, objetivando observações científicas e voador em 1875. Somente Tissandier voltara com vida, pois seus companheiros, por falta de ar respirável, tinham morrido nos ares. Isto para não recordar a façanha do cel. Bornaby, indo de Dover a Dreffe, nem aqueles imprevidentes Shorte e Mongret que haviam caído no mar com balão e tudo, morrendo afogados.

Os que não eram sabichões, mas gostavam de fazer graça, recordavam outra ascensão, por volta do ano de 1863, época de recrutamento para a Guerra do Paraguai. O balão tinha subido no pátio do então Engenho da Conceição. O aparelho falhara ou coisa parecida, e por isto voara baixinho, caindo, entre vaias da patulêa, prosaicamente nos mangues do Uruguai. E repetiam chocarreiros as quadrinhas que fizeram época:

Todo mundo já dizia  
Que o tal balão não subia.  
O balão caiu no mangue  
Caranguejo não tem sangue.

Todo mundo já dizia  
Que o balão subia  
Caía no mangue  
O siri comia

O balão subiu  
Mas desceu  
Caiu no mangue  
O siri comeu.

Por fim todos calaram. O "Portugal", na sua primeira tentativa, talvez por levar peso demais, tinha tido sua ascensão frustrada. Afinal, precisamente, às 17 horas, o balão se elevou e foi subindo até 1.460 metros. O povo torcia delirante, aplaudindo o sr. Magalhães Costa. Começou, então, a luta entre o balão e o vento. Levado pela ventania, o "Portugal" tomou a direção de Itaparica. Perto do Jaburu deu a impressão de que principiaria a baixar, mas foi empurrado novamente para baía de Todos os Santos. O balão queria descer e o vento não deixava. A luta prosseguia desigual. A angústia ia tomando conta de todos que se interessavam pela sorte do valente navegador. Quando escureceu, o "Portugal" desapareceu da vista dos espectadores.

Neste ponto, já a barquinha do "Portugal" tocara na água da enseada da barra do Paraguaçu. O vento teimava em arrastá-lo para longe. O rebocador "República", que guarnecia o escaler "Vamos", depois de verdadeiros malabarismos, conseguiu alcançar o ba



lão, já na Ponta de Nossa Senhora. Magalhães Costa ia sendo arrastado pela correnteza, juntamente com o seu "Portugal". Afinal, 4 saveiristas do "Vamos" Agostinho Manuel de Jesus, Martiniano Joaquim da Costa, Laurentino do Nascimento e Fausto Romão - pescaram o aeronauta e o seu rico balão.

As duas horas da madrugada, quando a cidade dormia e em quase todos os nichos luzes brilhavam numa súplica pela salvação do temerário navegador, entrava no Hotel Sul-Americano o herói do dia com escoriações generalizadas por todo o corpo.

Falou-se ainda durante muito tempo no balão "Portugal", na proeza do seu bravo tripulante, na emoção experimentada por todos quantos tinham assistido o drama. Depois outros balões e, mais tarde, os aviões relegaram a história a um segundo plano. Mais de 50 anos depois alguém ainda se lembra daquele fato e rende homenagem ao valente pioneiro.

## O BALÃO BRASIL

Na época de São João é natural que o tema seja balões. Grandes e pequenos, vistosos ou sem graça, eles sobem aos céus hoje como ontem e como sempre. Mas falemos de um grande Balão fabricado pela casa Lachambre, de Paris, todo de sêda, de forma esférica, pintado de amarelo escuro e cubando seiscentos metros. Pertencia a um certo sr. Pereira da Luz, tipo simpático, robusto, bem moreno, rosto oval e fisionomia risonha. Falemos num grande balão que há precisamente mais de meio século fez vibrar parte da população, notadamente a do bairro da Sé que não lhe regateou aplausos. Contando o que foi esta subida disse o poeta anônimo:

Se é Pereira é dos campos  
Se é a Luz é do céu  
O balão foi de mansinho  
Leve, leve, como um véu

Se é da Luz é do céu  
Se é Brasil é da Sé  
Salve Pereira da Luz

Intrépido, cheio de fé.



Se é da Luz é do céu  
E o Pereira quis voar  
Assim foi o balão Brasil  
Da cidade para o mar.

Foi na véspera de São João de 1907 que o Balão Brasil ascendeu pela primeira vez na Bahia. Uma série de dificuldades foram superadas, eis que o governador mandou fornecer o gás e o prefeito cedeu o Passeio Público. Os promotores da prova preferiram, entretanto, a Praça D. Isabel onde ficava a igreja da Sé. A entrada para quem quisesse ver o balão de perto custava dois mil réis. Mas poucos pagaram. A renda que reverteu em favor de Pereira da Luz, que era um homem pobre, não foi além de uns magros trezentos e noventa e cinco mil réis.

A pouca concorrência decepcionou os entusiastas, que consideravam aquilo como um reflexo do menosprezo à bravura e esforços de um brasileiro cheio de valor e de real merecimento. Lembravam para exemplo a ascensão do Balão Portugal no ano anterior arrastando verdadeira multidão. E o Balão Portugal era de um estrangeiro. Outros objetivam que a pouca gente na praça era resultado da imprudência de realizar um espetáculo na véspera de São João, quando a população saía da cidade. Se em volta do balão havia poucas pessoas, nas adjacências sobravam os curiosos. Nas janelas do bairro comercial e nos telhados havia uma pequena multidão encarapitada, esperando o grande momento, assim como nas embarcações que coalhavam a baía de Todos os Santos.

O Balão estacionou entre a escadaria da Sé e um pequeno chafariz existente na Praça D. Isabel, sem a cêsta, preso por grande quantidade de saqui

nhos carregados com areia. Pereira da Luz vestido com um dolman azul com botões dourados, calças brancas, boné azul com galões dourados, logo ultimou os preparativos, entre vivas, pregou a cesta e esperou que o balão, desembaraçado dos pesos, ganhasse forças.

O Brasil começou a subir placidamente deixando que todos os movimentos do aeronauta fossem percebidos. Já em pleno espaço Pereira da Luz saiu da cêsta e, seguro no cordame do balão, saudou o povo. Depois soltou reclames de Caxambú, Lambary e Cambuquira, as "rainhas das águas". O balão foi subindo até ficar pequenininho, confundindo-se perfeitamente com os outros balões de São João que cruzavam os ares. Após atingir 1470 metros foi descendo até pouisar em Mar Grande. A descida não teve maiores novidades. O aeronauta, recolhido por um saveirista, só teve a lamentar os sapatos e calças molhados.

Mas a segunda ascensão realizada no dia de São Pedro foi sem dúvida a que incorporou o balão Brasil ao acervo das coisas sensacionais. Houve grande concorrência na mesma Praça D. Isabel, rendendo a vendagem de bilhetes de ingresso oitocentos mil réis revertidos em proveito do Pereira da Luz. Desta vez quem subia era Raul Drummond, jovem e destemido esportista do Clube São Salvador. Já em 1905 tentara subir no Balão Portugal com o sr. Magalhães Costa, mas fora obrigado a desistir porque o balão estava com excesso de peso.

Raul Drummond, com raro sangue frio, realmente subiu a 1580 metros tirando cerca de vinte fotografias aéreas da cidade. Desta vez o balão caiu no meio da baía, sofrendo algumas avarias, sendo preci



so esgotar toda a água penetrada. O seu denodado tripulante, um legítimo herói, recolhido pelo vapor Santo Antônio, saltou na Navegação Bahiana, entre grande número de admiradores e amigos emocionados, sorridente e feliz.

O mesmo poeta anônimo compôs outras quadri-  
nhas que chegaram até nós, cantando louvores ao ar-  
rojo do aeronauta:

Se é da Luz é do céu  
Se é Drummond é do mundo  
Raul não teme a morte  
Com seu mistério profundo.

Se é Drummond é do mundo  
Mundo é terra e mar  
O Brasil subiu às núvens  
Para depois naufragar.

Coragem, intrepidez,  
Com sentimento profundo  
Drummond foi rijo de fibra  
Drummond do céu e do mundo.

O Brasil tornou aos ares pela terceira vez com Pereira da Luz na cestinha. Mas não foi a mesma coisa. Foi uma ascensão que não ficou na memória do povo. Balão já não era novidade. Tornara-se lugar comum. Afinal uma vez é pouco, duas é bom, três é demais.

## FON-FON-FON É O AUTOMÓVEL DO ALENCAR.

*Quebrar uma rua de carros*, expressão própria de uma época de sonho e poesia, já foi a suprema aspiração de muita gente boa. *Quebrava-se uma rua de carros* - nos casamentos e nos enterros. *O quebrar uma rua de carros* se traduzia pelo estacionamento de tais veículos em toda a extensão de uma via pública. Os belos carros encortinados, cavalos enfeitados, batendo as ferraduras no chão num som todo especial, os cocheiros agaloados zunindo seus chichos, enquanto a gente pobre, a chamada segunda linha, olhava embasbacada o desfile, davam uma imponência impar ao cortejo.

As moças queriam casar com homens ricos para *quebrar uma rua de carros*. Os abastados quando davam festas formais *quebravam a rua de carros também*. As ruas calçadas de pedras irregulares ou sem calçamento não ajudavam. Mas isto era o menos. Os penachos dos cavalos, as cartolas dos boleiros, as bambinelas dos carros, povoavam a imaginação dos que amavam a ostentação.

O carro, acessível em outras cidades, entre



nós era considerado luxo. Quem nas cerimônias ditas protocolares usava e abusava do carro dava provas de lordeza. Fora destas ocasiões demonstrava pedantismo ou prodigalidade. Pois se havia o bonde tão gostoso, tão pitoresco, que até servia para autoridades visitantes darem belos passeios aos arrabaldes. Sem querer falar no bondinho sem teto, que entra em ação nas noites de lua, levando as famílias até a Barra para um passeio esparecedor. Se andar de bonde era novidade, avaliem o resto.

Foi quando Alencar Lima apareceu com seu automóvel<sup>1</sup> amarelo, bizarro, cheio de correntes fumagando, cabriolando, vira não vira, vencendo buracos, lamaceiras, pedras redondas e fonfonando, fonfonando.

Quando a buzina fazia FON-FON toda a gente corria às portas e janelas para ver o automóvel passar. Quem transitava se detinha para apreciar o novo engenho, ou para esconjurar aquele Macaco Doido, que se metia a andar em semelhante invenção do diabo.

Fon-fon-fon

É o automóvel do Alencar

A modinha surgiu e o fon-fon-fon pegou. Toda a Cidade cantou o estribilho. O dono do automóvel era uma espécie de herói da Cidade e merecia ser cantado pela sua gloriosa façanha. Outra modinha surgiu mais adiante.

Pula aqui, pula ali, pula acolá  
Lá vai o Alencar na boleia sem cavalo  
Sempre, sempre a fonfonar  
Pula, salta, treme e ronca,  
O automóvel a rodar.

Saiam, saiam bem depressa  
Para a papa não virar,  
Pois o bicho não enxerga,  
Pula aqui, pula ali, pula acolá.  
O automóvel do Alencar  
Parece melhor seria  
Se não fosse o fonfonar.  
Pula aqui, pula ali, pula acolá,  
O automóvel do Alencar.

Havia também quem achasse uma coisa acanalhada alguém se sentar num automóvel. Quase ridículo. Bigodes torcidos, fraques proventos e colarinhos duros não combinavam, com aquela trimamoca. Gente dita de respeito fazia restrições ao seu uso. Para as senhoras, então, nem é bom falar. Havia uma modinha que dizia entre versos maliciosos:

Por isto eu previno as meninas  
Que não subam no automóvel

Mas o automóvel foi ganhando fôlego e desbandando o carro. Andar de automóvel foi ficando up to date e o carro fora da moda. O landolé começou a ser o sonho de toda a moça. Um landolé, enfeitado com franjas da seda, esperando uma noiva, era como o carro de Cinderela. Mais uma vez o cancionista popular glosou a associação do casamento com o landolé:

Com o meu cupé chibante,  
Tentei dela aproximar  
A moça ficou tão vexada  
Que nem ousou me olhar.



Pensava num landolê  
Sonhado e não conseguido  
Também era querer muito  
Um landolê e um marido.

O automóvel ficou senhor da situação. Iniciou um longo reinado que talvez nunca termine. Ninguém mais falou em *quebrar a rua de carros*. Fon-fon-fon encheu os ouvidos de todos. O automóvel ganhou elo gios, sem ter quem lhe visse defeitos.

É possível que só Lulu Parola tivesse alerta do os adeptos do automóvel sôbre algo que ninguém percebia. Sim. Porque mais depressa se freava um ca valo que um automóvel. Pelo menos os boleiros eram menos "barbeiros" que os motoristas. E Lulu Parola saiu com o seu CANTANDO E RINDO (Nº 3807, Jornal de Notícias de 10/07/08) a dizer:

Contam-se dia por dia  
Conquista na medicina,  
Assombros na cirurgia!...  
Hã contra tudo — vacina;  
Serum prá isto e prá aquilo;  
Desinfetantes — à ufa;  
Guerra tenaz — ao bacilo;  
Apoteose da estufa...  
E quando julga a ciência,  
Do seu orgulho na altura,  
Que a morte assim fica imóvel  
E garantida a Existência,  
Para quebrar-lhe a figura  
Dã-lhe o progresso — o automóvel.

Com o correr dos anos as buzinas foram tendo nuances novas. Praticamente deixaram de fazer fon-

fon-fon. Mas o automóvel com toda a sua glória cada vez mata mais.

1. O primeiro carro que apareceu, cronologicamente, na Bahia, foi o do negociante Henrique Lanat. En tretanto o "automóvel do Alencar" (Dr. João Fran klin Alencar Lima, Diretor Secretário da Compa nhia Viação Geral da Bahia) foi o que se tornou mais popular na época.



## O "BLERIOT" DE SANFELICE

Hoje é coisa corriqueira esta história de se andar de avião. Almoça-se aqui, janta-se em outra terra. Viaja-se a crédito ou à vista. Os aviões di tam a última palavra em matéria de conforto, e os que de aviação só conhecem o prazer de comer sandui ches recostados em macias poltronas, não podem dei xar de sorrir com desdem, quando vêm os retratos dos pequenos monoplanos e biplanos de antigamente, os aeroplanos anteriores ao de Sacadura Cabral e Ga go Coutinho que emocionou toda a cidade faz tantos anos. Chegam a ter piedade dos pioneiros que subiam aos ares em aparelhos que lembravam gaiolas de pas sarinhos, cujos vôos dependiam mais da bondade de Deus, que se dignava poupar vidas, que da segurança do engenho. Para esses cidadãos, os aviões nasceram com os hidroplanos que amerissavam na Enseada dos Tainheiros. O que houve antes não interessa. Poucos se lembram do primeiro vôo de avião nos céus da Ba hia. Também já vão tantos anos...

Foi no mês de maio de 1912 que os jornais no ticiaram o próximo vôo de Sanfelice Gino na grande maravilha do século - o mais pesado que o ar. Uma



onda de justa curiosidade envolveu a todos. Como seria o tal aeroplano? Afinal poucos faziam uma idéia mais ou menos exata do que pudesse ser. Pela imprensa andavam informados das façanhas de Santos Dumont, de Bleriot que realizara a façanha de atravessar o Canal da Mancha, dos irmãos Wright, Farman e Vêdrines. Ouvia-se falar em tanta gente que andava pelos ares... Os nomes eram repetidos como de seres irreais. A única coisa de positivo era que poderia ser visto por todos o que era até então privilégio de alguns felizardos.

Mas quem seria Sanfelice? Pelo que contavam era um homem experimentado em seu esporte. Contava no seu carnê vitoriosos vôos de Bologne à Florêça, de Turim à Roma (prova del Duomo) e por fim de Recife a Olinda. Isto aumentava a sensação, Sanfelice era um legítimo herói. A demonstração estava marcada para as primeiras horas da tarde de um domingo. A série de evoluções sobre o Hipódromo São Salvador, conhecido como Hipódromo da Boa Viagem, seguida da aterrissagem, a mais bela e perigosa etapa de um vôo, constituíam o ponto culminante.

Durante a semana inteira só se falou em aeroplanos. O nome de Eduardo Chaves, brasileiro celebrado por sua temeridade em realizar o raid do Rio a São Paulo, o maior até então realizado nas 3 Américas, servia de ponto de comparação. E foi neste estado de espírito que surgiu o dia grande, um lindo domingo de sol e vento fresco. Automóveis, carruagens e Zé Povo, desde cedo, espalhavam-se pelo prado. A Light and Power tinha aumentado o número de bondes, transportando muita gente para a zona de Itapagipe. A renda do Hipódromo, entretanto, foi relativamente pequena, pois a maioria do pessoal se

acomodou nas imediações do local escolhido, preferindo ver de graça, embora de longe, tão falada ascensão. Feitas as contas, o melhor da festa era olhar o aparelho nos ares...

O governador Seabra, o Intendente, o Chefe de Polícia, autoridades em geral e a sociedade mais fina prestigiavam o espetáculo. A indefectível Banda do 2º Corpo batia dobrados e valsas em vóga, contribuindo para aumentar o caráter festivo, e também para aliviar a tensão dos que aguardavam impacientes o grande momento. Sanfelice usaria um aeroplano "Bleriot", considerado a última palavra no assunto. Era um monoplano chamado o "avião do futuro", pois permitiria grandes velocidades graças à menor resistência que oferecia à penetração do ar.

Tinha a aparência de uma libélula. Na frente do corpo acomodava o aviador e o motor. Atrás os lemes de profundidade e direção. Lateralmente as asas, que atuavam como superfície sustentadora. Tinha pás giratórias, que ainda não eram conhecidas por hélices, bem na frente. O motor a gasoline tinha válvulas para descargas. Trabalhado em vime com adjunções de arame, possuía pequenas rodas (duas na frente e uma atrás) para deslize sobre o solo, servindo também em certos casos de paraquoses.

Muita gente gritou por Senhor do Bonfim, invocando proteção para o temerário aviador, quando o aeroplano começou a roncar, correndo e fumaçando como um automóvel, para logo após ficar alto do chão. Sob os olhares deslumbrados dos espectadores começou a subir e a ganhar altura. O espanto era de todos. Lá em cima nos céus, parecia um pássaro deslizando, subindo e descendo, causando calafrios só em se ver. Pouca gente ousava falar. Depois de meia ho



ra de evoluções começou a voltar lentamente, com as asas ondulando, até aterrissar galhardamente no mesmo ponto de partida, debaixo da ovação da multidão emocionada. Sanfelice, suando e sorridente, saltou entre alas de admiradores para receber o abraço do governador Seabra, que nervosamente eternizava os cumprimentos.

Naquele dia não se falou em outra coisa que não fosse o "Bleriot" de Sanfelice, um monoplano bisonho, parecendo um inseto, sem a imponência dos balões, subindo sozinho sem precisar de vento. Na segunda-feira, dia feriado, Sanfelice tornou a subir e a repetir o feito. Tomou conta da cidade. Foi assunto para vastos noticiários de jornal, para exercícios de composição escolar, tema para modinha e anedotas grotescas. Depois, com o tempo, ficou por isso mesmo. Caiu no esquecimento.

## O JAHU

Anos atrás, precisamente em 1973, um leitor de A TARDE, Marcelino de Aguiar, residente em Itambé, interior do nosso Estado, escrevia sugerindo que, no rodapé a meu cargo naquele jornal, fosse feita a rememoração da passagem, pela Cidade do Salvador, de dirigíveis e aviões. Recordava em sua carta o que vira quando da chegada de Sacadura Cabral e Gago Coutinho na nossa bela baía de Todos os Santos, depois de uma sensacional travessia pela Atlântico, proeza extraordinária dos aviadores portugueses. Contava a amerissagem do hidroavião, depois de sobrevoar a cidade demoradamente "como a despertar uma população ávida de progresso". Dizia ainda o leitor Marcelino de Aguiar a certa altura da sua carta: "Muita gente de cabeça erguida, inclusive eu, admirando aquele gigantesco hidroavião, coisa nunca vista até então".

Antes a Bahia já tinha tido aventuras aeronáuticas com subidas de balões, incluindo o do baiano Raul Drumond, a presença do avião de San Felice trazido pelos emprezários Billoro e Rotolli, sem deixar



de lado o Balão Portugal. Tudo já se apagou na memória do povo. A geração que viu o silencioso vôo do Zeppelin nos céus da Bahia ainda tinha elementos para se emocionar. Talvez um pouco menos do que a que cantou louvores a Sacadura Cabral e Gago Coutinho. Não sei se o termo geração está bem empregado aí. Porque se fizermos as contas foi a mesma, acrescida dos que nasceram depois de 1922, desfalcada dos que morreram antes dos anos 30.

Entre Sacadura Cabral e o Zeppelin tivemos visitas de vários aviadores. Uns com vinda anunciada. Outros desviados da sua rota, ou forçados a uma descida de emergência. Sacadura, Gago Coutinho, Ramon Franco, Sarmento de Beires, entre outros, encheram as páginas de jornais celebrados pelo mundo civilizado. Aqui, uns desceram na baía de Todos os Santos com recepção preparada. Alguns caíram no mar, outros na areia à falta de melhor pista. Uns foram hóspedes oficiais, outros aventureiros gratuitos, apelando, como se diz hoje, na busca de sensações.

O avião francês, tipo gaiola, embicado na praia de Amaralina, ajuntou bons trocados para o aviador, levando gente para passear, ao preço de sessenta mil réis por uma hora de sensações novas. Como juntava povo para ver o avião subir, ou mesmo só pelo prazer de apreciar como era um de pertinho. Era só anotar a quantidade de pessoas que os bondes despejavam naquela Amaralina dos anos vinte, então situada num fim de linha, verdadeiro calcanhar de Judas.

Certo é que o que agora é fato corriqueiro, avião ou aviador, sem produzir maiores emoções, já foi notícia (fora de qualquer idéia de exagero) de encher páginas inteiras de jornais (sem ser por de

sastre), motivo para muitas conversas entre letrados e não letrados. Mas a chegada do Jaú, que naquele tempo se escrevia JAHU, encheu as medidas, que brando a quietude dos dias pacatos e iguais da cidadezinha provinciana. O Jau realizava um *raid*, palavra muito em voga para designar viagens aéreas, ou não, de aventura, ou de cortezia entre povos amigos. Uma das escalas seria a Bahia, trazendo no bojo o piloto Ribeiro de Barros, Newton Prado, Negrão, Cinquini e Mendonça Machado (remanescente do *Argus*). Como é que poderia tanta gente caber num avião de brasileiro? O povo acostumado a olhar nos filmes os aviões de dois lugares, naquele jeitão de gaiola de passarinho, esquecia que no cinema também já vira outros tipos.

A equipe do Jau saíra do Brasil disposta a realizar um *raid*. Coisa de rapaziada sem juízo. "Proeza de play-boies" - diriam agora. Enquanto os outros países oficializavam os *raides* considerados importantes pelo que representavam em matéria de comunicação e intercâmbio entre os povos, que fazíamos nós? O governo, mesmo o povo, considerava o Jau apenas como uma aventura particular, interessante, sujeita a desentendimentos pessoais e a fracassos. O governo italiano, nessa época, chegara ao ponto de presentear o Marquez de Pineda com um avião novo, depois de um forte contratempo com o aparelho até então utilizado. O avião novo era para que levasse a bom cabo o seu *raid*, conduzindo o nome da Italia para a *sagração* mundial. Aqui quem estaria ligando para que tudo saísse bem?

Foi anunciado que o Jau pretendia alçar vôo de Porto Praia rumo Natal. O arrojo empolgou muita gente, chamando a atenção dos indiferentes. Infeliz



mente, com dificuldade, depois de 10 horas de vôo, os patrícios alcançaram Fernando Noronha. Ainda assim, todos vibraram com a bravura com que tinham conseguido manter o avião nos ares, enquanto não achavam pouso. Porém A PÁTRIA, do Rio de Janeiro, afixou um cartaz dizendo que o avião cairia n'água por imperícia dos pilotos. Foi o bastante para motivar uma revolta geral, alcançando as raias da violência. Precisavamos dar força aos nossos heróis. Eles eram tão bons quanto os outros.

O anuncio da vinda do Jau foi um alvoroço. Formou-se uma Comissão Executiva das Festas composta de Bernardino de Souza, Mário Barbosa, Raul Costa Lino, Alvaro Mendonça Camões, sob a presidência de Bernardino Madureira de Pinho. Todos indivíduos de projeção e prestígio. Foi colocado um barril-mealheiro no Bairro Comercial para angariar donativos para a recepção aos aviadores, providência que rendeu 4.874\$000 (quatro contos, oitocentos e setenta e quatro mil réis). Almiro Rossi entregou 1.000\$000 (um conto de réis) produto da arrematação de uma caricatura de Miguel Bartilotti. O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, por inspiração de Bernardino de Souza, seu Secretário Perpétuo, que considerava a visita do Jau um marco na história da nossa gente, distribuiu convites a quem de direito para que tudo saísse a contento.

Os corretores Brown, Veiga e Diniz, com todo o prestígio pessoal, angariaram para a lista de Ruy Bacelar, gerente do Banco do Brasil, a quantia de 10.300\$000 (dez contos e trezentos mil réis). O Banco deu também a sua contribuição avaliada em 1.000\$000 (um conto de réis). O bando precatório dos estudantes de Direito, Medicina, Engenharia e Comércio, que

desfilaram com os estandartes das suas escolas e os alunos do Ginásio da Bahia rendeu 3.470\$000 (tres contos, quatrocentos e setenta mil réis). Vários objetos valiosos foram ofertados por pessoas gradadas para um leilão. As várias listas distribuídas também angariaram boas somas. A Bahia se preparava para receber os aviadores de maneira digna.

Afinal chegou o grande dia - 26 de junho de 1927. Logo se soube que o avião havia saído de Recife, houve uma justa movimentação popular, cada qual procurando pontos mais altos da cidade, na ânsia de ver por primeiro a nave surgir no horizonte. As horas passavam. A informação de que o Jaú passara ao largo de Aracajú, provocou o espoucar de foguetes por vários cantos da cidade. O Parque D. Isabel (no local do atual Belvedere da Sé), a plataforma do velho Elevador Lacerda, a amurada da Praça Municipal, o jardim da Praça Castro Alves, tudo ficou apinhado. O largo da Alfandega tornou-se intransitável, não havendo por onde alguém se mexer, completamente ocupado pela multidão que queria ver os aviadores desembarcarem no cais Cairu. A baía de Todos os Santos estava coalhada de embarcações.

Cadê o avião? Apareciam os rebates falsos provocados pelos balões de São João que enchiam os céus. Mas às 11,55, precisamente, surgiu lá longe, como um pontinho no horizonte o tão esperado aeroplano. Os sinos das igrejas bimbalharam, os navios surtos no porto fizeram soar as suas sirenes, subiram ao ar girandolas de foguetes, qual a qual mais barulhenta. Uma loucura! O povo delirava, mesmo sem estar vendo coisa alguma. Todos de cabeça erguida tentavam vislumbrar algo mais, enquanto agitavam as mãos sobre a cabeça como proteção contra as flechas que



desciam céleres de ar.

Afinal o Jaú veio roncando como um bezourão, fez evoluções, dirigindo-se para os lados da Itapajipe, para amerissar em frente à praia da Boa Viagem. O rebocador Moema, da Capitania dos Portos, tendo a bordo o capitão-tenente Nelson Portilhos e outros oficiais, trouxe o aparelho para dentro do quebra mar. A Comissão Executiva, representantes da imprensa, representantes do governo, fotógrafos e elementos da Lux Filmes distribuíram-se em 3 lanchas. Formou-se um cortejo marítimo, integrado por mais de 20 embarcações sem contar os ioles e canoes dos clubes de regatas.

O Jaú era enorme, todo pintado de vermelho, lemes verde-amarelo, o nome em desenho à altura da cabine de comando. Quando as embarcações dos clubes de regatas se acercaram do avião, os rapazes arvoraram as palamentas (conjunto total de remos), gritando conforme o costume, por 3 vezes, a saudação ALEGUÃ. Aleguã-guã-guã!.... Aleguã-guã-guã!... Aleguã-guã-guã!... Cinquini e Mendonça se ocupavam em cobrir os motores e as hélices com capas de lona. Newton Braga tirava instantâneos, munido de moderníssima máquina. Ribeiro de Barros, com jaquetão azul, e Negro, com a farda da polícia paulista, se destacavam de longe.

Os aviadores pisaram em terra às 13,20, sendo recebidos na Capitania dos Portos pelo Com. Manot Sarrat. A polícia não conseguia impedir que o coração de isolamento fosse rompido. Bandas de músicas batiam dobrados mal ouvidos tais os "hurras" da multidão. O Intendente (hoje seria chamado Prefeito) Eloy Jorge saudou os visitantes, entregando-lhes a

chave simbólica da cidade confeccionada em rosas. Ribeiro de Barros, bem moço e simpático, era o herói da travessia. Foi a custo que conseguiu escapar de ser carregado pelo povo. Entrou num carro aberto la-deado por Madureira de Pinho e Mário Barbosa, tomando o caminho da cidade alta.

Durante todo o trajeto sobravam palmas e vivas, chuvas de pétalas de rosas, serpentinas e confetes. Em frente ao Cassino Espanhol foram saudados em nome da colônia por Bernardo Cortijo. Desceram no Palácio da Aclamação para cumprimentar o governador Francisco Marques de Goes Calmon, que ergueu uma taça de champagne em honra ao arrojo dos ilustres patrícios. Depois seguiram para a pensão Beau-Sejour, ao largo da Vitória, onde permaneceram como hóspedes oficiais do Estado. Enfim puderam almoçar. Falou-se em Saint-Roman, Coli e Nungesser, de Pineda, no desastre do Argus e, sobretudo, no recorde estabelecido pelo Jaú, cobrindo a distância Recife-Salvador em 4 horas. Após ligeiro repouso saíram para alcançar um cansativo programa: recebidos pelo Intendente, pelo Capitão dos Portos, pelos oficiais da região, pelo Arcebispo, pelo Cabido Metropolitano. Como um popular tivesse sofrido ligeiro acidente à chegada no Quartel General da Região, foram até a Assistência Pública visitar a vítima de tantos regosijos, seguindo em seguida para um passeio pela Avenida Oceânica (hoje Presidente Vargas).

De noite, recepção oferecida pelo Tiro de Guerra 284, nos salões da Beneficência Caixeiral, ao Cruzeiro de São Francisco. Nova passeata de carro. No Terreiro, de um automóvel postado defronte da Faculdade de Medicina falou pelos estudantes o doutoran



do Luiz Rogério de Souza. Começou a chover subitamente. O povo todo encharcado, acompanhava o carro que levava os aviadores. Lá vai discurso. No Politeama o acadêmico Joaquim de Araujo Lima; na Foto Kugler, o bacharelando Leôncio Gomes de Azevedo pela Faculdade de Direito; no Cassino Espanhol Waldemar Timoteo de Almeida pela Escola Comercial; no Gabinete Português de Leitura Magalhães Neto e Antônio Costa Lino. Daí uma paradinha no Instituto Histórico para tomar folego. O que já não era sem tempo.

Houve baile no Clube Comercial, cabendo ao jornalista Henrique Cândia Ribeiro fazer a saudação. Recepção na Associação Comercial, quando Newton Prado pediu que construissem um campo de aviação para a Bahia. Chã dançante no Gabinete Português de Leitura. Era um nunca acabar de festas e discursseiras. Os aviadores resistiram bravamente. Visitaram estabelecimentos de ensino, com os indefectíveis discursos do diretor, do representante do corpo docente e outro do discente, acompanhados com números de declamação, coisa muito em voga. Piquenique em Buraquinho. (Avaliem o que teria sido!) Jantares. Festas do 2 de julho. Os aviadores impávidos e serenos. Até que, debaixo de muita discursseira, alçaram vôo para o Rio. Já os jornais contavam que a mãe de Ribeiro de Barros fazia votos para que o filho abandonasse o costume de voar.

O interessante é que quase ninguém sabia o termo que designava o ato do avião baixar sobre a água. Amerissar? Amarear? Aquatizar? Logo no dia da chegada, Newton Braga teria informado que a palavra oficial adotada em sessão do Aereo Clube do Clube do Brasil do Rio fora *pousar*. Porém Ribeiro de Barros

teria emendado, rindo, que para ele a expressão justa seria *Sapecar o hidro n'água*. Assim todo mundo passou a usar o *sapecar* com mais assiduidade, dando ao vocábulo um sabor de gíria nascente. Erasmo Junior, (pseudônimo de Deraldo Dias de Moraes) publicou em A LUVA, de 30 de junho de 1927, um PASSO NO ESPAÇO que dizia assim:

Vem o Jaú pelos ares

- Prodígio das maravilhas -  
Abrindo, entre os céus e os mares,  
Rumos novos, novas trilhas!

A noite, na sombra densa,  
Que a luz dos astros apaga,  
Rebrilham de chama intensa  
Estas lunetas do Braga.

A travessia acabada,

- Meio dia, o sol a pino -  
Diz Barros à marujada:  
- Sapeca nagua, menino!

E alguém, da praia, comenta,  
Assim falando a quem voa:

- Quando não chove nem venta,  
Deve ser a vida boa!

E, para completar a página, o caricaturista Paraguaçu fez a ilustração com os dois aviadores citados ornados de azas de anjinho. Outros poetas incluindo Roberto Correia, da Academia de Letras da Bahia, inspiraram-se também nos heróis do Jau para escreverem versos em tom laudatório.

O Jaú foi embora. Jau que mereceu todas as honras possíveis, com a tripulação desfilando um automóvel de capota arreada para que todos vissem de



perto um a um, sobretudo Ribeiro de Barros que se tornou uma espécie de príncipe encantado para as moças. Cortavam o seu retrato nos jornais, pondo-o entre as páginas dos romances da Biblioteca das Moças. A sua imagem povoou a imaginação de quantas so nhavam com os inatingíveis John Gilbert, Ronald Colman, Norman Kerry, Clive Broks e outros figurões, jovens ou maduros, que apareciam na tela fria dos cinemas Liceu, São Jerônimo e Guarani.

Como não podia deixar de ser o trovador anônimo tomou nota. Saiu logo uma cantiga, parodiando a ZIZINHA, música que fizera muito sucesso cantada por Otilia Amorim nos teatros de revista.

Por ser intrépido e audaz  
Além de ser um bom rapaz,  
O Ribeiro fez sucesso  
Nesta terra de progresso  
Paixões despertou assim.

Mas o Ribeiro espertinho  
Foi saindo de mansinho  
Agradecido ficou  
Mas prá longe voou  
No Rio sapecou

Jau, Jau,  
Jau, Jau  
Foi para o Rio de Janeiro  
Levando, que pena! o Ribeiro.

(1) Agora as belas sonhadoras  
Como tristes faladoras  
Lembram do mocinho  
Do paletô, do jeitinho,  
Dizendo sempre assim

Jau, Jau,  
Jau, Jau,  
Se não puder vir, por favor,  
Mandem o Ribeiro a vapor.

Mas a visita do Jau não serviu apenas para a paixonar as jovens pelo bonito Ribeiro de Barros. Trouxe para o vocabulário popular um termo que para alguns hoje não teria explicação. O avião Jau era uma espécie de símbolo das crescentes vantagens do nosso século, mais um passo positivo da aviação brasileira. Diziam, e ainda dizem os que viram o Jau, que era uma BELEZA! Assim, por analogia, os primeiros ônibus gigantes, pesadões, postos na linha que conduzia ao Rio Vermelho pela "beira da costa", atravessando a Avenida Oceânica, ganharam o apelido de Jau. Que *marinetes*, que nada! Pena que os Jaus se mostrassem impotentes para as subidas pela ladeira da Barra. Foram vendidos para outra cidade, permanecendo as *marinetes* mais leves e mais capazes.

Jau ficou para designar pessoa gorda, enorme de gorda. Era um modo carinhoso de chamar a atenção para os quilos extra de alguém. *Estar um Jau, Ficar um Jau, Um Jau, Parecendo um Jau* foram expressões que trouxeram alegria ou desespero a quem queria, ou não queria, ser chamado de gordo. Jau era menos ofensivo, menos contundente que os clássicos *Pilão quadrado, Saco de Loteria, Trouxa de roupa suja*. Pegou depressa. Pegou, se aguentou alguns anos, e acabou sumindo. Quem ainda chama uma pessoa de Jau? Nem mesmo a gente do tempo do Jau. (2)

1. Infelizmente não conseguimos um informante que se recordasse da versalhada completa.



2. Entretanto, o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia conserva até hoje, no seu majestoso saguão, uma lápide colocada sobre o grande portal da entrada, preservando a memória do extraordinário feito. A lápide tem nos vértices os nomes de Ribeiro de Barros, Newton Braga, João Negrão e Vasco Cinquini. Ao centro os seguintes dizeres: "No dia em que desceu às águas da Bahia o Hydro Avião Jahu, o povo bahiano regista na sua "Casa" os seus entusiasmos pela magnífica lição de tenacidade e energia patriótica dada ao Brasil pelos arrojados aviadores que fizeram a travessia Gêova-Santos".

"Em 28 de junho de 1927"





Impresso na  
Gráfica Universitária  
Salvador - Bahia